



Eu estou grávida de quatro meses e nosso bebê já
tem mais amigos no Facebook do que a gente.

Efeitos de sentido em cartuns: sujeito e consumo da/na rede eletrônica
Effects of sense in cartoons: subject and consumption of/in electronic network

Lucília Maria Sousa Romão¹
Fernanda Correa Silveira Galli²

Resumo:

No presente artigo, buscamos interpretar, à luz da teoria da Análise do Discurso pecheuxiana, os efeitos de sentido de cartuns publicados na edição 53 da Revista Piauí (formato digital), de fevereiro de 2011, sob o título “A nada mole vida depois da popularização da internet”. Situamos essa materialidade significativa no campo das relações entre o linguístico e o histórico, e consideramos, ainda, que esses dizeres se constituem no atravessamento do “já-lá”, tal como coloca Pêcheux (1995). Dito de outro modo, é no imbricamento entre o dito (fio do discurso) e o já-dito (fio da memória) que percebemos os deslizamentos de sentidos e os movimentos do sujeito, o que nos move a refletir sobre o consumo da/na rede eletrônica.

Palavras-chave: discurso, efeitos de sentido, cartuns, materialidade digital.

Abstract:

This article, we intend to interpret, by means of Pêcheux’s Discourse Analysis, the effects of meaning in the cartoons published in 53rd edition of Revista Piauí (digital format), february 2011, entitled “The nothing soft life after popularization of the internet”. We situate this significant materiality in the field between linguistic and historical relations; also, we consider that these words constitute the crossing of the “already-there”, like Pêcheux (1995) propoused. In other words, is in the overlapping between the wire said (discourse) and the already-said (memory) that we perceived the slides of meanings and the subject’s movements, what moves us to reflect about the consumption of/in electronic network.

Keywords: discourse, effects of meaning, cartoons, digital materiality.

¹ Livre-Docente em Ciências da Informação e da Documentação. Profa. do Curso de Graduação em Ciências da Informação e da Documentação e Programa de Pós-Graduação em Psicologia, ambos da FFCLRP/USP. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da UFSCAR. Coordenadora do E-L@DIS – Laboratório discursivo, sujeitos e sentidos em movimento (FAPESP). Bolsista CNPQ. E-mail: luciliamsr@uol.com.br. Endereço: Avenida dos Bandeirantes, 3900- Monte Alegre. CEP: 14040-901 - Ribeirão Preto, SP – Brasil.

² Pós-doutoranda no DEDIC da FFCLRP/USP. Pesquisadora do E-L@DIS – Laboratório discursivo, sujeitos e sentidos em movimento (FAPESP). Bolsista FAPESP. E-mail: fcsgalli@hotmail.com. Endereço: Avenida dos Bandeirantes, 3900- Monte Alegre. CEP: 14040-901 - Ribeirão Preto, SP – Brasil.

*A tecnologia permite-nos ter tudo dentro de casa sem sair dela.
E, se eu não estiver satisfeito com a realidade,
posso viver noutra realidade, a virtual.*
(SARAMAGO, J. 2010, p.456)

*Há uma cultura da banalização.
Tudo é banal, tudo está sujeito ao consumo.*
(SARAMAGO, J. 2010, p.456)

Introdução

No presente trabalho, buscamos interpretar, à luz da teoria da Análise do Discurso (AD) pecheuxiana, os efeitos de sentido de cartuns publicados na edição 53 da Revista Piauí (formato digital³), de fevereiro de 2011, sob o título “A nada mole vida depois da popularização da internet”. Situamos essa materialidade significativa no campo das relações entre o linguístico e o histórico e consideramos, ainda, que esses dizeres se constituem no atravessamento do “já-lá”, tal como coloca Pêcheux (1995). Dito de outro modo, é no imbricamento entre o dito (fio do discurso) e o já-dito (fio da memória) que percebemos os deslizamentos de sentidos e os movimentos do sujeito, o que nos move a refletir o consumo da/na rede eletrônica.

Interessa-nos, de maneira mais específica, refletir sobre o modo como o sujeito contemporâneo tem sido afetado pelos produtos tecnológicos, o que vemos materializado, tanto na forma dos desenhos caricaturais que re-presentam as cenas, quanto nos dizeres que as acompanham e cuja trama indicia efeitos derrisórios. De nosso ponto de vista, os resultados da análise apontam os modos de inscrição do sujeito, na contemporaneidade, que se constituem nas atuais condições de produção, que envolvem a proliferação dos produtos tecnológicos, uma outra relação com o tempo e o espaço e, ainda, uma série de formas de inscrição de subjetividades. Assim, tratar de questões como: i) as esferas do coletivo e do individual em conflito, ii) a con-fusão entre sujeito e objeto, iii) o consumir e o ser con-sumido na/pela rede, iv) o poder como um jogo de forças, dentre outras, é também nosso intento nessa abordagem.

Discurso e rede eletrônica

Iniciamos essa reflexão com uma abordagem teórica sobre discurso e rede eletrônica, com o intuito de pensarmos as condições de produção das discursividades do *corpus* e a constituição dos sujeitos inscritos nos cartuns. O presente percurso temático

³ <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-53/cartuns/cartuns>

se configura no âmbito dos estudos discursivos que abarca a relevância de se pensar a relação (histórica) entre sujeito e consumo da/na rede eletrônica e, ainda, os jogos de poder que colocam em funcionamento a circulação e a (re)produção de discursos e de sentidos constituídos via trajetos de memória. No texto intitulado *Análise do discurso e informática*, Pêcheux (2011) discute as aproximações entre a informática e os estudos centrados no funcionamento do texto, apontando o jogo da codificação/decodificação como central no domínio do que ele chama de “leitura artificial”. A ela cabe o funcionamento da linguagem nos termos de apenas escutar que:

o objetivo geral da análise textual informatizada seria o de construir procedimentos automáticos de leitura-tradução, indo da superfície dos textos a uma representação formalizada não ambígua suscetível de se prestar a diversos cálculos (lógicos, semânticos etc...) que não suportam as línguas naturais: em resumo, se trataria de ‘limpar’ os textos para deles extrair o sentido unívoco, como se quiséssemos nos livrar dos embaraços (ambigüidades, deslizamentos etc...) da linguagem natural, a fim de nos encontrarmos o mais rápido possível nesses espaços logicamente estáveis que convém chamar de ‘linguagens de representação’. (PÊCHEUX, 2011, p.275-276)

Esse funcionamento concebe a linguagem como superfície passível de exatidão e controle, contornada pelo imaginário de absoluta assepsia de toda e qualquer ambigüidade, deslizamentos, equívocos. Ou seja, é como se as palavras inscrevessem uma matéria previsível o bastante para caber dentro de “um esquema”, “um modelo simplificado e manipulável”. Isso se deve à condição de que toda a programação de sistemas informáticos fundamenta-se apoiada na lógica binária, isto é, apenas zeros e uns podem entrar nessa tradução do processo de dizer, o que exclui a entrada de qualquer outro número ou de outros algoritmos no domínio. O autor sinaliza que é justamente a isso que a Análise do Discurso (AD) faz resistência, inserindo a questão da ideologia no escopo de sua reflexão, inclusive para pensar a leitura ideológica que se faz da tecnologia e produzir indagações sobre “a retomada da eficácia de uma estrutura sobre seus efeitos, através de seus efeitos” (PÊCHEUX, 2011, p.277).

Nessa visada, Pêcheux sinaliza um deslocamento da forma ao sentido nos seguintes termos: “minha primeira observação concerne à relação entre variação da forma (sintática e lexical) e variação do sentido” (idem, p.280). Por essa entrada, ele introduz, como pilar da teoria discursiva, o próprio da língua, a saber, sua polissemia e a propriedade de estar sempre sujeita à equívocidade, deslizamento, ambigüidade; ou melhor, Pêcheux nos convoca a não ficarmos “cegos ao papel teórico que devem desempenhar aí o acontecimento, a questão, a réplica, a interrupção e a irrupção.”

(PÊCHEUX, 2011, p.282). Ao incluir tais noções, entramos no campo discursivo e nos apoiamos na condição de que o ideológico atravessa a linguagem e o sujeito, o que Orlandi (2011, p.5) sintetiza assim:

Se, a interpelação é geral e a ela não podemos nos furtar sob a pena de não termos linguagem, não poderemos nos tornar sujeito, a individua(liza)ção pelo Estado, no entanto, se particulariza de acordo com as injunções das relações do Estado com a sociedade e o indivíduo está ao sabor das circunstâncias em que se dá a articulação do simbólico com o político, sob os efeitos do equívoco que constitui/resulta(?) a relação estrutura/acontecimento.

Observar o discurso nesse movimento em que está sempre presente o político-ideológico significa abandonar as palavras congeladas em estado dicionarizado, problematizar os discursos cristalizados e tomados como verdadeiros; significa, em especial, afastar-se do que poderia concorrer com os processos de codificação/decodificação marcados pela univocidade, clareza e precisão. Dito de outro modo, pensar político-ideologicamente implica colocar em questão os lugares sociais dos que falam, os modos de inscrição da luta pelo (não) poder dizer e a forma como a ideologia funciona produzindo algumas evidências. Esse é genuinamente o campo do político.

O político para quem trabalha com linguagem está no fato de que os sentidos são divididos, não são os mesmo para todo mundo, embora ‘pareçam’ os mesmos. E esta partição tem a ver com o fato de que vivemos em uma sociedade dividida. Uma sociedade que é estruturada pela divisão e por relações de poder que significam estas divisões, em relações dissimétricas, irreversíveis como tal. Os sujeitos, uma vez que passam por processos de individua(liza)ção, ocuparão enquanto indivíduos sua posição na sociedade, estabelecendo seus laços sociais. São eles também sujeitos divididos em seus processos de individua(liza)ção.” (ORLANDI, 2011, p.6)

E, se estamos em um ponto da teoria em que a divisão e a relação de/com o poder estão postas, a rede eletrônica precisa ser estudada para além da técnica, nas instâncias ideológica e política que a constitui. Entendemos que um dos sustentáculos econômicos e políticos mais eficazes da mundialização tem relação com a constituição dessas instâncias e com os jogos de poder, visto que as corporações de mídia (MORAES, 1997, 1998) alimentam-se da conjugada venda de informação, entretenimento e publicidade. No contexto da contemporaneidade, as empresas de *net* farejam lucros cada vez maiores com a criação, lançamento, oferta e venda de programas de informática, equipamentos eletrônicos, aplicativos e softwares, máquinas com maior precisão, processamento e potência de capacidade de armazenamento. Só a título de passagem, o *boom* da telefonia móvel emblematiza o quanto tais setores têm se

unido e integrado forças e investimentos para produzir e potencializar redes de sistemas dentro da própria rede eletrônica com aparelhos híbridos (e programas) capazes de executar mais de uma só vez diversas tarefas.

Nessa esteira, pensamos a rede eletrônica como espaço em que o poder, da perspectiva filosófica foucaultiana, emerge por meio dos jogos de forças, regularizando os discursos instituídos e definidos socialmente. Não se trata, portanto, do poder vigilante ou ameaçador, que é da ou está na rede eletrônica, mas de um poder que se exerce e se regula pelas forças ideológicas – instituídas política, econômica e socialmente – de modo que seu papel essencial, na funcionalidade econômica, é o de “manter relações de produção e reproduzir uma dominação de classe que o desenvolvimento e uma modalidade própria da apropriação das forças produtivas tornaram possível.” (FOUCAULT, 2004, p.174-175). Assim, o poder político pode encontrar na economia “sua razão de ser histórica”, fazendo com que, por meio da história, o processo de produção de sentidos nos seja possível. Marcamos que a *Revista Piauí* (formato digital), que abriga nosso *corpus*, tem função determinante na propagação de saberes e valores na contemporaneidade, dado que ela faz circular discursos-modelo atuais, agenciando o sujeito-leitor, levando-o a ocupar, ainda que de forma imaginária, determinadas posições. Há, nesse processo, certo controle e, conforme coloca Foucault,

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (FOUCAULT, 2004, p.8)

O parecer-ser apenas uma questão de tecnologia sedimenta-se como verdade de oráculo, especialmente se tomarmos enunciados dos cartuns e, ainda, os explicativos sobre problemas atribuídos ao computador, tais como “incompatibilidade de sistemas”, “esta página não pode ser exibida”, “o arquivo precisa de outro programa para rodar”, “o PC não reconhece esse arquivo”, “a versão do aplicativo é muito antiga”, “tem que reformatar”, “o documento foi corroído”, “saiu ou sumiu da rede”, “desapareceu do sistema”, “o *e-mail* não chegou”. Nessas e em outras formulações inscritas pela emergência das novas tecnologias no cotidiano, o efeito do político fica silenciado e parece não estar presente nos termos do que Pêcheux nomeou como “clivagens subterrâneas nas diferentes maneiras de ler o arquivo” (1997), embora saibamos que

isso seja apenas um mecanismo ideológico de tornar evidente e óbvio o efeito da tecnologia em si mesma.

Nessa injunção, não haveria um causador ou responsável pelos furos e problemas nos sistemas informáticos como indiciam, do ponto de vista sintático, a emergência de muitas orações sem sujeito que funcionam discursivamente de modo a fazer falar a técnica por si mesma, e em si só, apagando as marca da posição-sujeito em sua tessitura política de dizer. O grande engodo que, pelo efeito de evidência parece óbvio, está na certeza de que o sistema gera-se a si mesmo, sobrevive sem a interferência dos gestores de arquivo, causa livremente o acesso de todos a tudo. O que consideramos importante anotar é que ele cria também (e quiçá, principalmente) furos de modo inexplicável, fazendo parecer ausente e distante o jogo de poder que tanto nutre o crescimento de tecnologias na atualidade. E isso tem relação com o *corpus* que interpretamos adiante, isto é, cartuns publicados em um periódico brasileiro sobre certos modos de funcionamento da rede eletrônica no cotidiano.

Tecnologia: consumir e ser con-sumido

A tecnologia apresenta-se rentável o bastante para coordenar diversos setores da constituição, produção e circulação (ORLANDI, 2001) de produtos, sistemas e linguagens, deixando o funcionamento do digital cada vez mais refém de seu saber e poder. Assim, o domínio dos sistemas digitais parece ser, pelo efeito ideológico de evidência, uma questão puramente técnica de tamanho de memória, processador, programas, linguagens etc., e isso faz esquecer o político e a leitura ideológica da/na inscrição da tecnologia. O que nos interessa, então, é considerar “a prática simbólica como prática do corpo (...) que se corporifica no textual” (ORLANDI, 2001, p.10) para pensar a constituição do sujeito contemporâneo, o consumir e o ser consumido na sociedade contemporânea. Vejamos como as relações de sentidos emergem nos cartuns da edição 53 da *Revista Piauí* (formato digital):



Meu pai dirige uma empresa de internet e a
minha mãe é webdesigner. Meu nome é www.illiam

Nesse primeiro cartum, temos indícios de outra forma de inscrição social da família, marcada pela entrada de pai, mãe e filho na rede eletrônica. Não apenas eles são discursivizados como estando na rede, mas também todos têm na profissão e no nome termos da *net*. Assim, “internet”, “*webdesigner*”, “*www.illiam*” fazem falar efeitos de um colamento dos sujeitos na e à rede, aos termos que gerenciam programas eletrônicos e ao modo como eles naturalizam sentidos sobre o que é navegar, ser programador e ter um nome próprio com estrutura de um *link*. Isso aponta discursivamente outro modo de significar o interior da família – especialmente as relações pais e filhos – visto que os sentidos deslizam para outros que não, por exemplo, os pais terem seus nomes próprios e serem ditos e re-conhecidos apenas pelo que fazem na *net*. Marcamos que é expressivo o efeito de credibilidade dado à rede eletrônica, já que, no enunciado do cartum, ela emerge como um produto que tende a produzir consenso sobre a relevância da tecnologia na família, o que parece ser determinado pela formação ideológica do cartunista. O poder, aqui, se reelabora e está, implacavelmente, relacionado às condições atuais de produção, bem como aos discursos instituídos e naturalizados pelo efeito ideológico de evidência.

O sentido de trabalhar com “empresa de internet” e como “*webdesigner*” instala cargos frequentes no cotidiano, muito regularizados nas atuais condições de produção, já que a tecnologia fundou uma explosão de cargos e profissões a ela relacionadas. Observamos, no entanto, que o efeito derrisório irrompe na sequência “Meu nome é *www.illiam*”, no lugar em que o nome do filho marca uma colagem e justaposição de algo que é e está em outro lugar, um espaço digital indicador de endereços que tem seu reconhecimento social e funciona produzindo identificações. Ora, pela memória discursiva, sabemos que o “*www.*” é localizador de endereços de site e *link*, etiquetas que apontam uma trilha no espaço digital, ou seja, algo que serve para o sujeito-navegador se situar. Quando esse pré-construído desliza para o nome do filho William, produz-se algo do equívoco, uma con-fusão de duas esferas de dizer, quais sejam, o nome de um endereço com o de um filho. Notamos que a espetacularização da rede eletrônica contribui para a construção subjetiva do filho, colocando em funcionamento, ideologicamente, a necessidade de o sujeito se dizer participante desse mundo com papéis naturalizados socialmente.

Tal condensação impede a separação do que é de um e de outro, entre o que seria da ordem do coletivo e do individual, entre sujeito e objeto, e marca a potência da rede eletrônica como fundadora, pois o “*www.*” sustenta a nomeação. Tal charge combina-se

com a manchete jornalística da Folha de SP: “Casal de São Paulo batiza o filho como Facebookson e causa polêmica no mundo”. Funcionando de forma similar ao cartum, o nome próprio é inscrito a partir do nome de uma rede social muito veiculada no país, de modo que, no nosso entender, a notícia emerge como uma construção discursiva de um acontecimento inserido em condições de produção específicas, sendo determinada pelo funcionamento ideológico dos produtos tecnológicos.

O poder de proliferação das redes sociais – mais especificamente, do *Facebook* – aparece no segundo cartum que interpretamos a seguir: o bebê, ainda na barriga da mãe, nos primeiros meses de gestação, está inscrito na rede social antes mesmo de ser um falante, ou seja, o bebê se constitui no âmbito do digital embora não tenha chegado ao mundo fisicamente. A sua constituição ideológica na rede eletrônica é anterior a uma nomeação: a expressão “nosso bebê” não define nem o sexo, nem tão pouco um nome próprio que possa ocupar uma posição-sujeito no mundo da tecnologia, mas funciona produzindo efeitos de credibilidade para o enunciado a partir de um espaço (de saber e de poder) que determina a circulação de certos efeitos de sentido. Vejamos o segundo cartum:



Eu estou grávida de quatro meses e nosso bebê já tem mais amigos no Facebook do que a gente.

Essa possibilidade ofertada pelo digital, a de criação de um perfil num espaço outro, tem sido um constituinte nas/das relações contemporâneas, o que podemos observar em conversas cotidianas, em discursividades como “você tem *facebook*?”, “me adiciona no seu *face*”, “olha lá no meu *face*...”, “abre um *face* para você!”, dentre outras. No enunciado desse segundo cartum, destacamos uma antecipação da criação identitária no digital, evidenciada pelo uso do advérbio temporal “já”. Tal precocidade deixa entrever a re(a)presentação do “bebê” na rede eletrônica e pressupõe a (in)existência do pequeno-ser no universo virtual, o que parece ser supostamente possibilitado (apenas) pela virtualidade, porque é nesse espaço que o bebê “tem mais amigos... do que a gente”. Ser visto por todos coloca em movimento a visibilidade que

se constitui, conforme pontuado por Foucault no final do século XVIII e início do XIX, como elemento fundamental para o enlace entre o poder e o saber em contextos históricossociais, o que parece vigorar, também, na contemporaneidade. Trata-se, contudo, de outras formas de poder(-saber) que são exercidas nos e pelos sujeitos, via práticas de formação e transformação que estabelecem modos de ser como os dos pais e do bebê em questão. Nesse sentido, parece-nos, ainda, que a in/visibilidade no/do digital tende a ampliar a criação de identidades, na medida em que

... o computador sustenta a alucinação de um interlocutor (anônimo ou não), de um outro “sujeito” (espontâneo e autônomo, automático) que pode ocupar mais de um lugar e desempenhar muitos papéis, num face a face, mas também retraído; provavelmente diante de nós, mas também invisível e sem rosto por detrás de sua tela. (DERRIDA, 2004, p.143)

Atrás da tela, na esfera pública, a mãe não só compartilha as identidades (anônimas?) como coloca em funcionamento outros papéis: o de mãe, de mãe-bebê, de mãe-esposa, de mãe-amiga. Nesse jogo de papéis, emerge uma con-fusão entre o que é da ordem dos espaços individual e coletivo, o que parece permitir, ainda, uma identificação entre o eu (mãe) e o(s) outro(s), o que vemos funcionar discursivamente com a presença do pronome possessivo “nosso” e do substantivo “a gente”. Apontamos, aqui, a polissemia como efeito derrisório, visto que tanto o pronome quanto o substantivo pode estar endereçado à figura do pai na relação com a mãe (no espaço privado) ou aos amigos virtuais do *Facebook* (no espaço do coletivo). Assim, sugerimos que as redes sociais fazem circular o estabelecimento de uma relação de confiança, de proximidade e de intimidade com o outro, o que leva o sujeito internauta a consentir com a sua (ex)posição do/no digital, resignificando-se discursivamente em função das atuais condições de produção, como é o caso, por exemplo, especialmente da mãe. Essa questão da resignificação dos sujeitos, e/ou de suas posições no espaço virtual, também emerge no terceiro cartum, que segue abaixo:



Eu consigo ver minha espinha no Google Earth!

O computador, aqui, é discursivizado como janela de exposição e também como espelho, posto que abre espaço para olhar e, ao mesmo tempo, reflete o espaço denominado da realidade na tela com tal precisão, que dá a ver o próprio sujeito-navegador com seus furos. O sujeito-navegador, supostamente protegido em seus percursos de dizer, é desnudado pela tecnologia que o vê de um ponto inimaginável e o documenta até na sua espinha da face. Ter uma espinha no rosto de um adolescente pode significar mudança hormonal e alteração de uma fase, transformação típica da idade, de todo modo, é sempre algo que se quer esconder, velar e disfarçar; no caso, é justamente isso que é amplificado pela tela do computador, dando visibilidade a algo que é o próprio do rosto do sujeito-navegador. Cabe destacar que uma das redes sociais mais acessadas no país é o *Facebook*, o livro da face no qual as espinhas ora emergem ora se ocultam, face que é compartilhada entre pessoas que se conhecem e também entre as que nunca se viram pessoalmente, o que pode alcançar um nível tal de circulação que não apenas o rosto de um sujeito-navegador pode deslizar entre redes e dentro de redes, de modo difícil de mensurar. A expressão de espanto do sujeito-navegador diante da tela parece produzir um deslizamento acerca do imaginário instalado socialmente sobre a rede eletrônica – espaço democrático, acessível e controlável, deixando emergir o efeito de poder da tecnologia que se constitui como uma ordem discursiva, que determina os processos de identificação e de consumo do sujeito contemporâneo.

Inferimos que, nesse terceiro cartum, há uma repetição de pronomes da primeira pessoa – eu, minha – o que aponta para o funcionamento discursivo de algo da intimidade, da esfera individual e do próprio do sujeito-navegador – a espinha de seu rosto, ou, ainda, a sua espinha dorsal. Isso faz falar o que está exposto na trama pública de exibição da *net*, os corpos, os rostos e as espinhas de cada um, enredadas em uma trama que comporta um efeito de totalidade, de acúmulo e de soma indistintivamente; aqui nos parece jogar a contradição entre os sentidos do próprio, de cada um, de cada sujeito-navegador em circulação na teia digital, produzindo amostragens antes não imaginadas no eixo do coletivo, do de-todos embaralhado e caótico da rede. Nessa perspectiva, o privado parece deslizar e, conforme coloca Žižek (2011, p.9), o “privado” não tem sido “a matéria-prima de nossa individualidade oposta aos laços comunitários, mas a própria ordem institucional-comunitária de nossa identificação particular.”. Nos cartuns interpretados, as identificações via tecnologia se dão, de nosso ponto de vista, numa ordem do discurso da legitimação de um espaço de (in)visibilidade – de (se) dizer

e de con-viver – que se sustenta na credibilidade dos sujeitos-consumidores. A rede eletrônica, portanto, parece ser:

a realidade virtual, compreendida como um “real” ancorado no plano da pura representação, [que] altera radicalmente a nossa percepção e faz esvanecer-se a realidade tradicional. As telas, em todas as suas formas, constituem o espaço em que imagens e dígitos criam uma nova sintaxe do mundo. (SODRÉ, 1996, p.31)

Pela memória discursiva, sabemos que o programa *Google Earth* documenta a Terra e funciona de modo a atualizar antigos atlas, mapas e cartografias de outros tempos. Com recursos sofisticados de fotografia digital, registra detalhes do relevo urbano e rural, inscrevendo de modo dinâmico o que antes víamos estaticamente no plano do papel. O poder de “entrar” virtualmente no que está longe (ou perto), mas sempre em outro lugar, indica um modo de inscrição da tecnologia digital: mirar para além do alcance dos olhos humanos e entrar em lugares outros, ampliando o *zoom* e proporcionando ao sujeito-navegador modos de aproximação em relação a cordilheiras, depressões, rios, montanhas etc. O outro-lugar estaria, assim, como objeto a ser alcançado e apreciado, mas eis que irrompe aí, como objeto a ser olhado, o próprio corpo do sujeito-navegador, sua(s) espinha(s). O efeito derrisório está justamente nesse encontro inesperado de quem se vê refletido na tela e se reconhece como objeto de (seu próprio) olhar em se navegando. Da posição de sujeito-navegador à condição de peça em exposição, jogo de espelhos e de janelas oportunizado e potencializado pela rede eletrônica.

Algumas considerações

Procuramos, ao longo desse artigo, ancoradas na perspectiva teórica da análise do discurso pecheuxtiana, apresentar uma abordagem sobre discurso e rede eletrônica para, então, refletirmos sobre os efeitos de sentidos de três cartuns publicados na edição 53 da Revista Piauí (formato digital). De nosso ponto de vista, os dados analisados apontam para o modo naturalizado e evidente com que a rede eletrônica adentra a intimidade, invadindo as relações familiares, produzindo novos modos de identificação aos/com produtos da net e fundando outra discursividade na própria relação do sujeito consigo mesmo. Os cartuns, nesse sentido, colocam em evidência, ainda, a fragilidade dos laços, bem como a necessidade de uma ex-posição/im-posição na/da rede, mercadoria disponível para o consumo do sujeito que também se coloca em posição passível de se tornar objeto de comércio. Reiteramos, assim, o nosso propósito de

analistas: a partir do nosso olhar sobre o funcionamento discursivo do corpus, parece-nos pertinente apontar, além dos efeitos de sentidos já abordados ao longo da discussão, a emergência de certa passividade do sujeito contemporâneo diante dos recursos que a tecnologia oferece, dado que ela *permite-nos ter tudo dentro de casa sem sair dela*. É, então, a partir *dela*, ou nela, que o sujeito consome e tende a se consumir.

Referências Bibliográficas

- GLASBERGEN, Randy. Cartuns. *Piauí*, Rio de Janeiro, n.53, fev. 2011. Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-53/cartuns/cartuns>>. Acesso em: 10 maio 2013.
- DERRIDA, Jacques. 2004. *Papel-máquina*. Trad. Evandro Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade.
- FOUCAULT, Michel. 2004 (1979). *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 20 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- LÉVY, Pierre. 1999. *Cibercultura*. Trad: Carlos Irineu Costa. São Paulo: Editora 34.
- MORAES, Denis de. 1998. *Planeta mídia, tendências da comunicação na era global*. Campo Grande: Letra Livre.
- MORAES, Denis de. (org.). 1997. *Globalização, Mídia e Cultura Contemporânea*. Campo Grande: Letra Livre.
- SODRÉ, Muniz. 1996. *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. 2001. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes.
- _____. 2011. Língua, comunidade e relações sociais no espaço digital. In: DIAS, Cristiane (Org.). *E-urbano: sentidos do espaço urbano/digital*. Labeurb, Campinas. Disponível em: < <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>>. Acesso em: 10 maio 2013.
- PÊCHEUX, Michel. 1995 (1969). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- _____. 1997 (1982). Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Gestos de leitura*. Campinas: Editora da Unicamp.
- _____. 2011 *Análise de Discurso*. Textos escolhidos por Eni Orlandi. Campinas, Pontes.
- SARAMAGO, José. 2010 *As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas* / Fernando Gómez Aguilera (sel. e org.). São Paulo: Companhia das Letras.
- ŽIŽEK, Slavoj. 2011 *Primeiro como tragédia, depois como farsa*. Trad. Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo.

Data de Recebimento: 27/02/2012

Data de Aprovação: 21/05/2013

Para citar essa obra:

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; GALLI, Fernanda Correa Silveira. Efeitos de sentido em cartuns: sujeito e consumo da/na rede eletrônica. RUA [online]. 2013, no. 19. Volume 2 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade
<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Capa: GLASBERGEN, Randy. Cartuns. *Piauí*, Rio de Janeiro, n.53, fev. 2011. Disponível em:
<<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-53/cartuns/cartuns>>.

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
<http://www.labeurb.unicamp.br/>
Endereço:
LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS
UNICAMP/COGEN / NUDECRI
CAIXA POSTAL 6166
Campinas/SP – Brasil
CEP 13083-892
Fone/ Fax: (19) 3521-7900
Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>